

O EMBRIÃO EM NÓS

UMA BUSCA FENOMENOLÓGICA PELA ALMA E CONSCIÊNCIA NO CORPO PRÉ-NATAL

*O vinho embebedou-se connosco, e não ao contrário.
O corpo desenvolveu-se a partir de nós, não nós a partir dele.
Somos abelhas e o nosso corpo é um favo de mel.
Nós fizemos o corpo, célula por célula, nós fizemo-lo*
Rumi (1207-1273)

Corpo perdido

Nas últimas duas décadas, vimos uma nova investida do pensamento materialista na biologia, psicologia e filosofia. Na verdade, isso poderia ser descrito como um tsunami. Com base em conceitos sobre a função do nosso cérebro de acordo com a neurofisiologia moderna, uma nova perspectiva sobre a alma e a consciência humana é introduzida e aparentemente aceita pelo público em geral.

Para resumir o evangelho dos filósofos do cérebro modernos: o cérebro governa a mente. Tudo o que sentimos, pensamos, fazemos, bem, é apenas o "cérebro". Tudo o que somos capazes de experimentar é atribuído ao cérebro e reduzido a "nada mais que" a actividade dos hipocampos, áreas corticais cerebrais e assim por diante.

A alma pós-cartesiana, que ainda era mais ou menos defensável como a imponderável dimensão *res cogitans* na nossa mente, foi abandonada. Os neurofilósofos afirmam que o dualismo cartesiano de corpo e mente é anulado pela evidência do cérebro como o substrato físico definitivo para nossa consciência, para a nossa fala e a nossa mente. Implicitamente, porém, e sem qualquer modéstia, um falso novo dualismo é introduzido na forma de uma divisão corpo-cérebro. O cérebro é um órgão "especial" do corpo e aí ocorre a nossa consciência que é desempenhada pela neuromaquinaria.

O neurocientista holandês Swaab proclama que o corpo serve apenas três propósitos: alimentar, mover e reproduzir os nossos cérebros.

“Nós somos os nossos cérebros” é a mensagem. Isso deixa-nos com uma visão muito particular e subjectivista da realidade, já que temos que considerar que tudo o que sentimos ou vivenciamos como um “não-corpo” ou como uma realidade imponderável na nossa cabeça ou em nosso corpo (como a dor no dedo do pé) é meramente uma "ilusão produzida pelo cérebro".

Alma perdida

E qual é a defesa contra esse materialismo puramente reducionista?

A defesa é: tornarmo-nos fenomenólogos!

Não nos conformarmos apenas com a visão do observador científico, assumir a postura primária que a vida oferece a todos nós: ser um participante.

Como participante, tomar como verdade a própria experiência sensorial e o que é experienciável no, e através do, corpo.

Esta é a realidade primária. O "mundo dos sentidos" é a realidade anterior à divisão cartesiana entre mente e corpo. Uma abordagem fenomenológica não só considera verdadeiro o que a experiência nos diz, como também inclui a realidade virtual e secundária dos "factos cerebrais". Neurofilósofos modernos cometem o erro filosófico e metodológico de supor que a realidade primária é apenas a realidade que observamos por meio dos nossos instrumentos. Mas não é assim. A realidade não é apenas aquilo que podemos observar por meio de instrumentos físicos do observador, mas é a *realidade tal como a experimentamos*. Consciência e alma também são realidades experimentadas. Embora imponderáveis e, portanto, não mensuráveis, são evidentes para todos.

Negar o mundo real que todos nós experimentamos é uma forma estranha de ascetismo moderno na ciência! Na verdade, a afirmação de que "eu sou o meu cérebro" não é um facto - é uma escolha. Mais precisamente, é uma escolha de paradigma: isto é, uma escolha que cientistas e filósofos fazem sobre como verão o mundo. Os modernos "pensadores do cérebro" quase sempre confundem os meios com a mensagem: porque devemos ter os meios - isto é, o veículo, para pensar e experimentar na forma do cérebro - que significa para eles que apenas estamos experimentando o nosso próprio cérebro. . !

Mas essa visão dá origem a vários problemas. Por exemplo, os cientistas afirmam ter encontrado o substracto para a consciência na atividade cerebral. Mas ninguém jamais foi capaz de medir *o que* realmente experienciamos quando realizamos experiências mentais sob a observação e análise dos cientistas.

O que é registado é a condição para determinado fenómeno (por exemplo, a consciência) - não o fenómeno em si. Nem é mesmo possível registar o fenómeno, porque só nós sabemos, só nós podemos perceber (!) o que é pensar estes pensamentos, viver este corpo particular, experimentar determinada consciência.

Nenhum neurofisiologista pode preencher a lacuna entre a realidade primária do "*Lebenswelt*" ou "*mundo dos sentidos*", como os filósofos o chamam, e a realidade secundária do corpo após a divisão cartesiana de mente e corpo.

Na realidade do corpo em que vivemos, mente e corpo/espírito e matéria, nunca estão separados. Discriminar essas duas áreas para fins de precisão e compreensão foi a grande contribuição filosófica de Descartes.

Há uma redução metodológica aceitável com o propósito de esclarecer qual é o papel que cada uma desempenha na percepção e no pensamento humanos. Mas, como A. T Still afirma: "A forma humana (matéria) e a função (espírito) estão inseparavelmente entrelaçadas."

Supor que a mente é uma ilusão criada por um órgão do corpo, é um acidente filosófico intolerável e fatal e uma redução de nossa realidade.

Não temos alma, somos alma

Os neurofisiologistas estudam o substracto da alma e da consciência. Mas encontrar um fenómeno anatómico, fisiológico ou genético ("corpo") aparentemente conectado e associado a uma determinada atividade mental ("alma") não significa encontrar o próprio

fenómeno. Aparentemente, a atividade cerebral é uma condição necessária, mas não suficiente para a consciência. Ainda assim, existe o risco de confundir a condição de determinada matéria (corpo, cérebro, gene) com a própria matéria (alma, mente, traço). Esse reducionismo prevalece na genética hoje. Como biólogo, nunca considerei os genes (refiro-me aqui ao conceito moderno de "gene" como uma estrutura de ADN formulada) como sendo o princípio activo e causador de um organismo vivo. Isso não significa negar que os genes desempenham um papel importante na aparência fenotípica dos organismos. Sim, os organismos têm características e propriedades. Às vezes adoecem. Mas nunca vi um "gene doente" ou um gene com propriedades específicas, como ser capaz de se movimentar ou de digerir. Ainda assim, e aparentemente sem discussão, as pessoas parecem acreditar que os genes são princípios activos e que causam organismos. Como embriologista fenomenológico, rejeito completamente essa visão. Apenas em condições patologicamente anormais ou manipuladas experimentalmente (e, claro, no processo evolutivo de mudanças mutacionais no genoma), parece ser o desvio do padrão normal a causar o diferente fenótipo ou o "novo" fenómeno relacionado. No entanto na situação normal integral e integrada do organismo em funcionamento não são os genes que causam os fenómenos. É o próprio organismo que desempenha as atividades e funções biológicas que o caracterizam.

A genética e a neuropsicologia modernas tentam convencer-nos de que pensar é sinónimo de atividade cerebral, herança é sinónimo de gene e que a memória não é mais nem menos do que um processo do hipocampo. Processo e estrutura, fenómeno e condição são, portanto, misturados numa profunda confusão. Tornámo-nos cérebros ambulantes, genes em competição.

Depois de quatro séculos de reducionismo cartesiano, isso é o que nos resta da alma. Uma realidade secundária apoderou-se do que vivemos e experimentamos, da vida e da nossa percepção do que realmente somos. Uma anatomia analisada e comprovada de cérebro e corpo tomou o seu lugar.

Com grande certeza e persuasão, os psicólogos modernos declaram que a nossa experiência, a realidade daquilo que sentimos e percebemos, é ilusória.

A dor é uma ilusão, não é no dedo do pé que sentimos a dor, isso é apenas uma projecção ilusória do cérebro. E livre arbítrio? É para esquecer! O cérebro é que sabe e, milissegundos antes de fazermos uma escolha, os reflexos corticais já "previram" o que vamos fazer.

Mente num embrião?

E se considerarmos um embrião? Na visão moderna da neuropsicologia, o embrião não tem muitas hipóteses de ser aceite como um ser com mente ou alma. Num embrião está completamente ausente a menor manifestação de um cérebro funcional.

Quando se torna discernível uma primeira organização do cérebro no embrião, devemos esperar pela fase fetal para ver algum substrato de uma fisiologia cerebral, como movimentos ou atividade dedutível num electroencefalograma (EEG).

Como a filosofia somática moderna considera o corpo humano – "não estamos presentes neste corpo", "não há eu (self) ou alma habitando este corpo" - o corpo do embrião foi "esvaziado" ou "fantasmagorizado".

O embrião foi então proclamado um ser sem cérebro e, portanto, inconsciente?

Tornei-me embriologista nos anos sessenta e setenta do século passado. Naquela época, o debate sobre alma e mente ainda estava em aberto e ainda não estava aterrorizado e espancado até à morte por pensadores neurofisiológicos daltónicos e de um olho só. Podia-se ouvir então um famoso psiquiatra reformular perguntas como "É possível para as células, antes e depois do aparecimento de tecido neural especializado, reproduzirem-se em fases posteriores das transformações do ciclo de vida ou em variações das nossas primeiras experiências?" (R.D. Laing em *The Facts of Life*). Alguns psicólogos afirmam a possibilidade de uma experiência subconsciente pré-natal de eventos traumáticos.

Foi nesse contexto que encontrei o trabalho do embriologista alemão Erich Blechschmidt (1904 - 1992).

Muitos osteopatas e terapeutas craniosacrais consideram o modelo bioquinético de desenvolvimento embrionário que Blechschmidt desenvolveu uma boa explicação para os processos que regem a formação do corpo e dos órgãos. Como fenomenólogo, não estou muito interessado em causas e explicações, mas em compreensão e finalidade. Sou um embriologista em busca do espírito, ou seja, de um princípio activo "*por trás*" dos órgãos formados e do corpo.

Eu procuro o princípio "en-act" (espírito) que está a realizar-se a si mesmo através, e por meio da, dimensão realizada "ex-act" do corpo.

O corpo como o acto e a entidade psicossomática que somos, enquanto "actor".

O realizador e o realizado. Considero o corpo o resultado aparente de um acto formativo, um acto criativo.

Um embrião com alma

Comecei a reflectir sobre as principais questões relativas ao embrião como:

Quem ou o Quê se está a realizar?

O que estamos realmente a fazer quando somos um embrião?

Como existimos ali e naquele momento?

Como um ser de alma e corpo, claro, porque é assim que me experimento a cada segundo da minha vida.

Não são os meus músculos que me movem, *eu* movo o meu braço.

Aparentemente, *eu* faço isso com o meu corpo (um aparelho de locomoção como condição necessária, mas não suficiente), não é "o meu corpo está a mover-me".

Podem-se estender os conceitos de E. Blechschmidt ao reconhecer que um embrião tem um *comportamento*. Ele está (ainda) a moldar o seu corpo, move-se, actua (literalmente).

A primeira manifestação de comportamento que exibimos como o corpo-mente psicossomático que somos, é o nosso comportamento *morfológico*...o nosso corpo.

Os gestos que fazemos no nível fisiológico também são desempenho, a nossa dimensão en-act.

1-"En-act" como "ex-act" é derivado da palavra latina act ou actum que significa *feito* enquanto "acção" ou "proeza" e *feito* enquanto "executado". "En-act"; aquilo que faz ou realiza, "Ex-act": o que foi feito, realizado.

Ficar erecto, encontrar o equilíbrio, *centrar*: são actos da alma, do Eu humano ou do espírito. Antes de podermos fazê-los psicologicamente, fazemo-los fisiologicamente quando temos por volta de um ano de idade, como quando tentamos ficar de pé num parquinho. E mesmo assim não é a primeira vez. A primeira vez que encontrámos o equilíbrio foi quando criámos e moldámos a organização corporal enquanto embriões. O corpo humano é o único corpo de primatas e mamíferos onde o centro de gravidade está organizado interiormente, dentro do próprio corpo. Para recuperar os sentidos enquanto ser humano, preciso de uma organização para isso, ou seja, preciso de um corpo (não apenas um cérebro) que possa fazer isso. Isso é exatamente o que fazemos durante a formação e crescimento do corpo como embrião: realizamos o acto de nos levantarmos ou nos equilibrarmos morfológicamente.

“A alma é pré-exercida no corpo” é a minha reformulação dos conceitos de Blechschmidt.

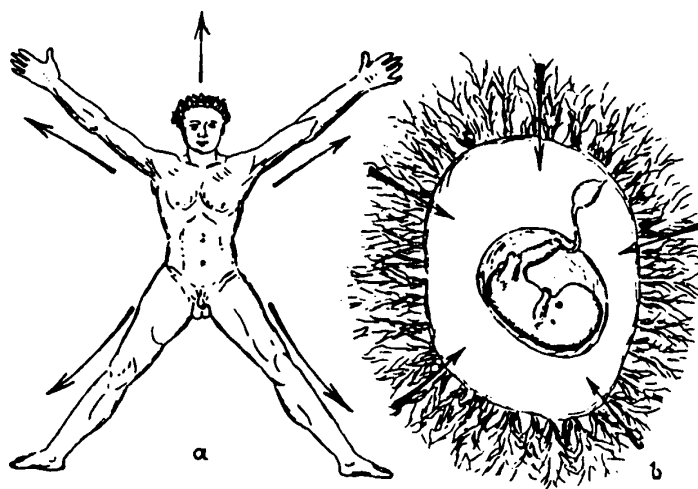


FIGURE 1

Revolution of the orientations of being between an adult (a) and an embryo (b).
From: *Dynamische Morphologie*, O.J. Hartmann, Frankfurt/M., 1959.

O nosso corpo é comportamento, comportamento humano, para ser explícito. O corpo não é uma coisa, um substrato anatómico; é uma performance, uma função, um comportamento. A alma não tem corpo, é corpo; o corpo não tem alma, é alma.

Leiam as palavras de Rumi no início deste artigo. Mesmo o esqueleto ou o cérebro (órgãos estruturados quase ao ponto da morte, da substância física) estão "em movimento", são processos. Aprendi com a embriologia: *o movimento é primário, a forma é secundária!*

Existência centrípeta

No embrião, a forma e a função ainda estão relacionadas e firmemente ligadas.

O facto de a forma e a função de um braço, por exemplo, estarem afinadas de maneira tão perfeita e harmoniosa pode ser percebida ainda no estágio embrionário, quando a função do braço como “instrumento” para agarrar é pré-exercida embrionicamente durante o crescimento.

No organismo adulto, a função é "liberada" num outro nível superior: a função fisiológica pode ser vista como um gesto de crescimento “liberado”.

Erich Blechschmidt ainda dá um passo adiante e aplica este princípio da liberação da função a partir da estrutura em crescimento ao nível dos gestos e funções psicológicas.

As funções corporais e fisiológicas são pré-exercidas como gestos de crescimento e como movimentos de crescimento no embrião.

Assim, o ser humano já respirava muito antes de respirar pela primeira vez após o nascimento.

A dinâmica com a qual os pulmões, o tórax e o diafragma se desenvolvem e se desdobram pode ser considerada um tipo de respiração, pois essas dinâmicas já são movimentos respiratórios.

Visto desta maneira, o embrião vê, agarra ou caminha.

Isso pode ser chamado de *comportamento morfológico*.

Considerações como estas fornecem uma nova perspectiva para a direcção e orientação da existência embrionária. Normalmente, a existência embrionária é considerada apenas um processo biológico que produz ou resulta no comportamento humano.

Pensamos de dentro para fora, do centro para a periferia, ou seja: centrifugamente. Nesta visão, há uma célula-ovo fertilizada no início (2), que depois cresce para se tornar um corpo humano individual e a seguir um indivíduo psicológico: o homem, incluindo a sua mente ou alma, é um produto desse processo.

A mente é uma consequência do corpo e da formação do corpo.

Nesta visão, o embrião terá um status humano geral não individual... mas na fase embrionária ainda não se fala em individualidade ou existência pessoal.

A existência embrionária, no entanto, pode ser caracterizada como a orientação de fora para dentro, ou seja, centrípeta (ver FIGURA 1).

Como humanos adultos, expressamo-nos por meio do nosso corpo: o mundo é o nosso objectivo e o corpo é o instrumento para esse fim.

O embrião, por outro lado, "imprime-se" a si mesmo numa organização corporal.

A existência embrionária é uma espécie de existência silenciosa e introvertida.

A ideia de que um embrião *não está a fazer nada e não está a agir* é um grande mal-entendido e uma desvalorização.

A acção, a performance, é dirigida a si mesma, para dentro.

Nesta visão, a performance embrionária também representa a expressão de um ser humano e da sua alma como primária.

O ser humano manifesta-se em primeira ordem por meio de gestos de crescimento e movimentos de forma, depois por meio de processos fisiológicos liberados

(comportamento) e posteriormente por meio de comportamentos e gestos psicológicos.

O embrião ainda está em nós

Na FIGURA 2 está representado o denominado gradiente craniocaudal de desenvolvimento embrionário. O que este termo significa é que o polo ou domínio cranial do desenvolvimento do corpo está sempre à frente dos processos de desenvolvimento do polo ou domínio caudal do corpo.

Isto também se relaciona com o facto de que o desenvolvimento dos órgãos no polo cranial tende a atingir mais cedo o estágio ou organização "final" de "adulto" do que no domínio caudal do corpo.

2-O que é um absurdo, não começamos "como uma célula". Não somos construídos a partir ou por células. A unidade da vida não é a célula, a partícula, a unidade da vida é o organismo, o todo. O embrião organiza-se em células e, por meio delas, em órgãos e tecidos, e não o contrário. O embrião aparece a primeira vez enquanto zigoto, um corpo unicelular.

A nossa cabeça torna-se, por assim dizer, “velha” ou “adulta”, enquanto as vísceras permanecem “jovens” ou “embrionárias”.

Na FIGURA 2, por exemplo, pode-se observar que o desenvolvimento do braço e da mão está sempre à frente do desenvolvimento do pé e da perna.

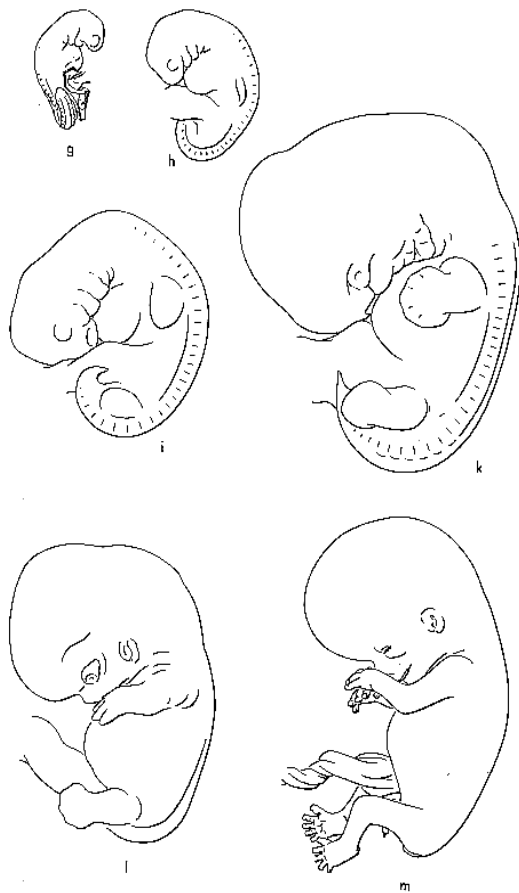


FIGURE 2. Embryonic stages of the human embryo. In series: age of 26 days (g), about 4 weeks (h), about 5 weeks (i), about 6 weeks (k), about 7 weeks (l) and 3 months (m). From: *The human embryo*, E. Blechschmidt, Stuttgart 1963.

Este fenómeno também se manifesta e "repete" no amadurecimento fisiológico e psicológico dos membros e na locomoção. Outro eixo do corpo onde se pode observar essa taxa de variação é no gradiente disto-proximal dos membros: as mãos e os pés são "mais velhos" do que os ombros e a região pélvica. Em relação a este último, por exemplo, continuamos realmente a crescer e em formação muito para além da infância. Pode-se descrever o gradiente craniocaudal como a polaridade entre movimento e forma, entre embrião e adulto, entre processo e estrutura.

Na verdade, no polo caudal do corpo, os processos tendem a dar continuidade ao modo de vida embrionário descrito aqui antes, ou seja, exibindo comportamento morfológico com o corpo físico ainda em processo, em metamorfose. No lado oposto, pode-se observar nos órgãos a tendência de vir mais e mais para a estrutura e "anatomia", por assim dizer. Aí (cérebro e sistema nervoso, por exemplo) a função torna-se mais "liberada" da atividade morfológica (crescimento e metamorfose). Uma boa maneira de notar esse gradiente ou polaridade é comparar um fígado (caudal) com um típico "órgão craniano"

como o cérebro.

No fígado, a função e a forma ainda estão em movimento, enquanto no cérebro a anatomia e a estrutura tornam-se essenciais para a função fisiológica. Na fase embrionária do fígado, a dimensão en-act ainda permanece ativa num processo morfológico, profundamente envolvida e entrelaçada com a matéria. Na área craniana (na possibilidade para a mente) o en-act é libertar-se do processo material e corporal e funcionar mais livre do corpo ou num estado intangível.

Pensemos na mobilidade "imponderável" da nossa mente. Isso mostra que a forma embrionária de ser não é um *passado*, não é uma fase da nossa vida que deixámos para trás.

É real e viva - em grande parte do nosso corpo, a interação entre corpo e mente é "ainda" centrípeta.

O regresso da alma

Será que isto poderia ser a expressão de uma polaridade no nosso organismo quanto à "interação" entre as dimensões en-act e ex-act do nosso ser psicossomático?

Na dimensão "caudal" ("visceral") do nosso corpo, a nossa mente parece permanecer conectada e entrelaçada com o corpo (matéria), como é o *gesto geral* na fase embrionária. No polo oposto, o corpo tende a tornar-se mais estruturado, a tornar-se, por assim dizer, "anatomia".

É onde mente e corpo estão mais ou menos *desconectados* e *desconectando*, que a mente está habilitada a funcionar mais "sem corpo" ou numa forma puramente "consciente"?

Será que o modo de ser embrionário é o modo como uma consciência adormecida faz aparecer a vida do corpo? E que quando esse processo tende a tornar-se numa estrutura anatómica formalizada e endurecida, a vitalidade embrionária e o poder regenerativo se reduzem e às vezes até desaparecem ("morte")?

Ou mesmo isto: será que esta "morte" é o que permite o despertar da consciência!

Que ideia fantástica: vitalidade e consciência como oposições, quanto mais vitalidade mais dormimos, quanto mais morte e estrutura, mais acordamos! Segundo essa visão, a mente está em todo o corpo como princípio activo, mas os níveis de consciência ocorrem em relação ao grau em que os processos embrionários se tornam subjugados à tendência estruturante.

Nesta visão, todo o corpo é uma manifestação psicossomática com uma grande variedade de níveis de consciência.

A vontade dorme no polo caudal, nos membros e músculos - a alma cognitiva desperta na cabeça e nos órgãos dos sentidos!

Isso pode soar como um conceito global. No entanto, o gradiente que estamos a descrever pode ser observado não apenas numa "direção" craniocaudal, mas em mais de oito dimensões corporais diferentes: dorsal-ventral, parietal-visceral, distal-proximal nos membros, centrípeta e centrífuga.

Na verdade, este gradiente está em toda parte.

E "em lugar nenhum".

É um princípio fundamental de polaridade que rege a organização psicossomática em todas as direções, níveis e dimensões.

Para mim, o ímã ou princípio holográfico do gradiente craniocaudal supera o erro cartesiano de localizar a alma, a psique, a consciência, num determinado órgão ou região.

O cérebro não é apenas o domínio da alma, da mente ou da psique. Os vários "órgãos da cabeça", como fígado, coração e rins, exibem, até certo ponto, uma função semelhante.

Mas o cérebro realmente representa a possibilidade funcional de um alto grau de despertar, isto é, de autoconsciência.

A abordagem fenomenológica pode produzir uma grande visão e renovação para o estudo da forma e do corpo humanos. Pois revela que o corpo não é apenas um apêndice do cérebro, mas um instrumento da alma desde o primeiro dia de vida.

Consciência não é sinónimo de ou congruente com "alma"; é uma função, uma atividade da mente.

Toda a gama e paleta de consciência mostra que nossa alma não é um conceito nebuloso ou "algo" ilusório, mas um "corpo-alma" tão complicado quanto nosso corpo físico.

Não existe apenas um órgão especializado na psique, mas talvez vários - como o cérebro, os órgãos dos sentidos etc. - colaborem.

Mas a mente está em toda parte.

O corpo não é uma máquina que funciona; é uma função, uma função da mente.

Tal "anatomia" nos devolveria o corpo que somos, o corpo que vivemos.

Não temos hipocampos nas nossas cabeças, mas pensamos com as nossas cabeças, sentimos também com o nosso coração e sofremos dores nos pés .

Somos uma consciência e temos um corpo.

Jaap van der Wal MD PhD
Publicado para o Anuário ISPPM 2012

Dinamensão - Compreendermo-nos como embriões

www.embryo.nl
walembryo@home.uni-one.nl

tradução de Sofia Neuparth
c.e.m-centro em movimento
<https://c-e-m.org/>